

## Por que *Testemunho*?

---

Sobreviventes de situações extremas - genocídios, massacres, violências decorrentes de regimes totalitários e de (necro)políticas de Estado, onde o horror e o extermínio de pessoas tornam-se não apenas possíveis, mas até banalizados – buscam, em seus relatos, corajosamente, dar testemunho dos acontecimentos que rompem com o pacto social. Ao escrever, expressam em palavras o indizível, o intransmissível.

A psicanálise nos ensinou que a experiência traumática permanece encapsulada. Não simbolizada, provoca efeitos patogênicos duradouros e transgeracionais. Como favorecer a fala? Como dar voz àquilo que para o sujeito é sentido como incomunicável?

Para que o testemunho de uma vivência traumática seja feito com toda sua carga afetiva, é preciso haver um espaço no qual a palavra circule livremente, em que predomine uma relação de confiança e respeito entre quem sofreu a violência e quem acolhe a sua fala, para que, desta forma, a situação transferencial não seja, ela própria, retraumatizante.

Pode-se, portanto, pensar o testemunho de quem fala e o testemunho de quem escuta e legitima a fala do sujeito. A nomeação dos afetos e o reconhecimento do sujeito e do acontecido restituem a palavra perdida, produzindo um efeito de reparação psíquica, de elaboração e de ressignificação da experiência traumática.

Além da repercussão terapêutica, o testemunho tem outras faces: é também via para a produção de um saber, de memória e de resistência. Desafiando as tão comuns investidas para apagar da história aquilo que nos põe frente ao desumano, o testemunho rompe com a história de horror silenciada, evidencia o absurdo, evita a sua repetição, permite a transmissão geracional e a produção de uma memória coletiva. Quando um ser humano sofre uma violência, qualquer que seja, toda a humanidade padece, mesmo que não tenha consciência disso.

**TRIEB** *Testemunho* é um número que nos convoca à reflexão. Nossos entrevistados foram Carlos Alberto Plastino, Liana Albernaz de Melo Bastos e Marcelo N. Viñar, relevantes nomes da psicanálise latino-americana, que se destacam por suas trajetórias clínicas e pelo engajamento político.

Na seção *Correspondência*, apresentamos a troca de ideias entre Vera Lúcia Carneiro Vital Brasil e Bernard Miodownik. Vera é psicóloga, tem trabalhado

insistentemente com os temas memória, verdade, justiça, reparação, sendo uma das fundadoras, em 1985, do projeto “Tortura Nunca Mais/RJ” e participante no “Grupo das Clínicas do Testemunho RJ”. Bernard é psicanalista, membro efetivo com funções específicas do Instituto da SBPRJ, ex-presidente da SBPRJ e ex-Diretor do Conselho da Coordenação Científica da Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI).

Miguel Sayad é o psicanalista da seção *Convidados*, fazendo interessantes reflexões sobre o lado feminino do pai em *Ser contemporâneo em Totem e Tabu: Testemunhos*. “Haverá essa reflexão em *Totem e Tabu?*”, indaga-se o autor.

Iniciamos a seção de artigos temáticos com o trabalho *Testemunho: dois momentos de uma psicanalista: duas pacientes com desejos e necessidades distintas*, no qual a autora, Anna Lucia Melgaço Leal Silva, destaca a importância da investigação dos fatores pré e perinatal no tratamento do ser psicossomático com doenças somáticas ou não.

Em seu artigo *A função testemunho, o traumático e a escuta clínica do psicanalista cidadão*, Vanuza Monteiro Campos Postigo apresenta reflexões importantes sobre o psicanalista cidadão, engajado com a democracia e com os valores civilizatórios. As condições sociopolíticas, as violências discriminatórias etc. impactam a subjetividade dos analisandos, e a “função testemunho” convoca o analista cidadão a “reconhecer, suportar e legitimar a fala do analisando”.

Por fim, contamos com o artigo de Marília Mello de Vilhena, *Psicanálise e Holocausto - A Pulsão de Morte em Testemunho*, que apresenta uma revisão de autores alheios à psicanálise sobre o tema do testemunho, articulando-o com o conceito de pulsão de morte e seus desdobramentos na destrutividade do humano.

Em *Interface*, o ensaio da historiadora Maya Moldes da Rocha Pereira, intitulado *Seguir os rastros, ensaiar os gestos*, explora o dito declínio narrativo, diagnosticado por Walter Benjamin, e, seguindo esses rastros, aborda a questão dos testemunhos do holocausto, a partir da obra de Jorge Semprún.

Ney Marinho nos brindou com um riquíssimo depoimento intitulado *A Caravana*. Adotando um estilo testemunhal, segundo o autor, na esperança de transmitir algo talvez impossível discursivamente, apresenta dados históricos fundamentais para se avaliar a importância do que ficou conhecido como “O Encontro de Maputo”, iniciativa inaugural de um intercâmbio científico cultural da SBPRJ com a CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa).

Na seção *Conferências*, publicamos as palestras proferidas na aula de abertura do ano letivo de 2022 do Instituto de Formação Psicanalítica da SBPRJ cujo título foi *Tradução e Amizade*. Fernanda Marinho apresentou um trabalho

em que comenta a carta aberta que André Green escreveu a Wilfred Bion, por ocasião do décimo aniversário de sua morte. Já Admar Horn, “falando entre amigos”, oferece o testemunho de sua relação com Green, alguns elementos de sua história pessoal (os quais o próprio Green tornou públicos) e de sua engajada vida psicanalítica.

“Testemunhos em livros são mais frequentes do que em filmes (excetuando documentários), embora haja exemplos muito significativos”, nos diz Luiz Fernando Gallego na seção *Psicanálise e Cinema*. Gallego relembra expressivos filmes testemunhos em seu texto *Testemunhos em filmes políticos, metafísicos ou calcados em afeto*.

O *acontecimento*, de Annie Ernaux (2000) foi o título por nós escolhido; e Denise Salomão Goldfajn, a psicanalista convidada para escrever a resenha publicada na seção *Psicanálise e Literatura*. Nas palavras de Denise: “é um livro preciso, seja pela precisão da narrativa dos fatos, quanto pela necessidade do testemunho de seu relato que possa servir a muitas outras jovens...”. Além disso, Denise aponta para a atualidade do tema e a tristeza que sentiu ao ver as manifestações em Washington contra a recente resolução da Suprema Corte Americana, um enorme retrocesso.

Neste número inauguramos a seção *Memória TRIEB*, na qual serão revisitados artigos de edições anteriores, que poderão vir acompanhados por comentários ou complementos feitos pelo próprio autor ou por outros autores.

Como cidadãos do mundo, temos testemunhado, nos últimos anos, uma proliferação de pensamentos e ações fascistas, e, ao mesmo tempo, a luta de muitos para evitar a barbárie. Diante deste contexto, nos pareceu oportuna, necessária e urgente a republicação de três trabalhos do número 6 da *TRIEB* (1998), quando Miguel Calmon Du Pin Almeida era o editor. Ao Miguel e aos autores Jean-Claude Rolland, Liana Albernaz de Melo Bastos e Wilson de Lyra Chebabi (*in memoriam*), nossos agradecimentos.

Boa leitura!